

Os pauzinhos da identificação

Françoise Samson

Tradução de Lélia Márcia Dias

Resumo

Trata-se de examinar a questão da identificação a partir do seminário de Lacan *A identificação* [1961-1962], em particular a questão do traço unário na emergência do sujeito e de sua relação com o objeto, neste momento do ensino de Lacan.

Palavras chave: Identificação. Traço unário. Traço. O sujeito. A-coisa.

Résumé

Il s'agit d'examiner la question de l'identification à partir du séminaire de Lacan "L'identification" de 1961-62 et en particulier la question du trait unaire dans l'émergence du sujet et de sa relation avec l'objet a à ce moment de l'enseignement de Lacan.

Mots-clés: Identification. Trait unaire. Trace. Le sujet. L'a-chose.

I am what I am. Eis o que se podia ler há algum tempo no metrô parisiense, nos grandes cartazes de publicidade da Reebok¹. Quem é suposto pronunciar essa frase? Um jovem negro, vedete do *hip-hop*, chamado cinquenta centavos, um campeão branco de tênis, um campeão negro de basquete, uma jovem cantora asiática, todos conhecidos, reconhecidos, paparicados pelos jovens, como se diz. Será que se trata de uma nova versão americana ou mundialista do *èhiè ashèr èhiè*, lançado a Moisés da sarça ardente pelo Deus de Abrahaão, de Isaac e de Jacob e o da interpretação lacanianiana: "Sou o que sou", e não "Sou quem eu sou ou Sou aquele que é"? RBK substituiria JHVH? É o que um jovem analisante deixava escutar ao dizer: "Os fãs de cada categoria de música têm seu jeito de se vestir, quem escuta *rap*, usa *baggies*, quem escuta *hard rock* se veste de couro preto, é como uma religião". RBK a não ser, é claro, que se re-estabeleçam como para Jahvé as vogais, o que faria, então, Re-beka, isso estaria mais para o bezerro de ouro do que para o sopro divino de Jahvé.

Mas, como ele tinha acabado justamente de dizer que na adolescência queria se demarcar de sua família adotando o *look* e a música dos grafiteiros, resta esperança. Já que se de-marcar quer certamente dizer entre outras coisas tentar tirar, apagar a marca, isso implica que marca houve e que essa marca é reconhecida como marca, pode-se dizer, como marca registrada. Marca registrada pode ser um nome, uma sigla, um selo, uma assinatura. Serve para identificar qualquer coisa ou alguém. Serve também para se fazer reconhecer. Entretanto, será que se trata de uma identidade? Será que tenho uma identidade? Tenho, com certeza, um sobrenome, um nome, papéis de identidade, mas *uma* identidade, não é tão certo assim. Essa pretensa identidade seria antes um mosaico de identificações, as que eu me fiz ao longo da minha história de sujeito.

Freud distinguiu três identificações: (1) ao pai pela incorporação; (2) ao traço unário; (3) à identificação ao sintoma do outro. Devo dizer que,

mesmo lendo e relendo o sétimo capítulo de *Massenpsychologie*, sempre tive muita dificuldade para compreender a diferença entre a segunda e a terceira forma de identificação, e fiquei longo tempo embaraçada com a numeração. Em que a identificação à tosse do pai é estruturalmente tão diferente da identificação ao sintoma do outro e, até mesmo da incorporação do pai, essa era a minha questão. Então, foi um alívio ler que, na sessão de 20 de junho de 1962 de seu seminário *A identificação*,² Lacan indica que a identificação ao traço unário reúne as três formas de identificação, assim como para Freud, por intermédio da identificação das massas a um traço do líder. E, de fato, o cerne, o eixo desse seminário é o traço unário.

Agora, o que é então esse traço unário? Lacan nos fala da emoção que sentiu no Museu das Antiguidades Nacionais de Saint-Germain-en-Laye, vendo na vitrine um osso de antílope marcado de traços, de entalhes, de pauzinhos gravados por um caçador dos tempos primitivos, e essa emoção vem ao encontro de sua preocupação maior: como é que funciona um ser humano, um *parlêtre*.³ Por aí se vê como é preciso estar atento a esses encontros: às vezes eles permitem, cada um em sua medida, bem entendido, projetar um pouco de luz na escuridão. Esses pauzinhos que o professor de ensino fundamental faz as crianças copiarem, esse 1, pode ser também "o único traço do signo para sempre suficiente da notação mínima". "Você teve 1 em francês", diz o professor anotando em seu caderno aquilo que Freud chamou de *einzigiger Zug*⁴. É ainda 1+1+1, em que o signo + é "a marca da subsistência radical da diferença".⁵

Esse traço unário, que é *um* por ser o traço único, indexa a diferença como tal, a diferença radical; eis o que Lacan martela no memorável seminário *A identificação*, em que assistimos ao nascimento do sujeito suposto saber, do sujeito representado por um significante para um outro e do que será S1 a partir do seminário *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*, mas também o objeto *a*, em sua literalidade e sua topologia.

As primeiras sessões do seminário são dedicadas à função do significante na formação do sujeito e propõem que *não* se pode abordar a questão da identificação *sem* passar pelo significante. Lacan se apóia na Lingüística: "Traço também de discrição, quero dizer corte, isto que Saussure não articulou melhor nem diferentemente, dizendo somente que o que caracteriza cada um é o fato de ser o que os outros não são".⁶

O *einzigiger Zug* não tem sentido algum: quem pode dizer com efeito a que correspondem os traços na costela do antílope? É um traço absolutamente despersonalizado, que é o que todo significante tem em comum: ser, antes de tudo, constituído como traço, ter o traço como suporte.

Dizer, por exemplo, que Lacan é Lacan e, Laplanche é Laplanche não basta, não mais que evocar as diferenças físicas entre eles, pois resta a questão de saber se Laplanche não é o pensamento de Lacan e se Lacan não é o ser de Laplanche. A questão não está suficientemente resolvida no Real. É o significante que decide, que introduz a diferença como tal no Real e na medida em que não se trata de diferenças qualitativas.⁷

Lacan abordou igualmente a questão da relação do sujeito com o significante, seguindo os rastros de Robinson Crusoe: os rastros do apagamento das pegadas assinalam a presença de um sujeito. Isso permite a Lacan passar de *traces de pas à pas des traces* e depois a *pas de sens*,⁸ onde encontramos o *não-sentido* do traço unário, que não é senão a isca viva da cadeia significante.

Vamos notar de passagem que essa história de rastros e de apagamento supõe um Outro que seria susceptível de reparar neles, de ver esses rastros que vou apagar; senão, para que apagá-los? E ainda que a esse Outro no mesmo movimento, eu suponha uma intenção em relação a mim, um saber também me concernindo, mas um saber que não sei, não mais que sei o que sou para esse Outro suposto. Compreende-se aí porque a angústia nos vem de tão longe. Mas o Outro não é um sujeito, é um *lugar*, e a gente se esforça, diz Lacan, para transferir para ele os poderes (variantes: o saber) do sujeito.⁹ Por esse lugar se compreende também que o grande mal-entendido da existência humana começa bem cedo.

Bom, "isto dito, se, uma vez o rastro apagado, o sujeito o contorna com um círculo – qualquer coisa que desde então lhe concerne: a referência ao lugar onde encontrou o rastro – vocês têm aí o nascimento do significante".¹⁰ Por exemplo, foi a tosse que Dora escolheu; ela poderia ter escolhido um outro traço. Em outras palavras, a cada um seus significantes, os que ele terá contornado, isolado, recortado nos rastros que terá apagado, a cada um suas relações com o Outro. É assim que se escrevem as letras de seu destino sobre o pergaminho vivo que se é. Eis porque o significante não é um signo que representa qualquer coisa para alguém, mas o que representa um sujeito para um outro significante. O que o traço sobre a costela do antílope apaga é a coisa que ele representa; o que o entalhe primeiro apaga é a Coisa, *das Ding*, aquela do *Projeto* de Freud. Os diversos "apagamentos"¹¹ da Coisa que fazem nascer o significante são a marca do sujeito.

O selo,¹² como vocês o compreenderam, encontrei isso nos textos, é bem isto: uma pegada, se podemos dizer assim. É verdade que na natureza há em abundância, mas isso só pode se tornar um significante se, com uma tesoura vocês fizerem o contorno recortando esta pegada. Se vocês extraírem a pegada, depois, isto pode virar um selo. Um selo

representa um sujeito, o que envia, não forçosamente o destinatário. Uma carta pode sempre ficar selada, mas o selo aí está para a carta, ele é um significante. (variantes: 1) a carta que é um significante; 2) o selo está aí para um significante). Eh! bem, o objeto pequeno *a*, o objeto da castração, participa da natureza assim exemplificada do significante.¹³

E eis aí como o termo "apagamentos"¹⁴ é a caminha que espera o objeto pequeno *a*.

Vamos voltar ao começo, que é o ato, nos diz Freud, andando sobre as pegadas de Goethe. O que então o sujeito procura fazer desaparecer apagando seus rastros? É sua própria passagem a sujeito, diz Lacan. A desapareição é redobrada da desapareição almejada, que é a do ato mesmo de fazer desaparecer. Será que isso não evoca a primeira identificação freudiana? Te como porque te amo, mas no mesmo golpe te destruo, e tu desapareces. E eis que tu és pai morto. Tu desapareces, mas te tenho em mim e de ti vou viver. E se posso te comer, tu também, tu podes me comer, não é? Ambivalência, ambivalência e com ela dançam Eros e Tânatos. Então, esse ato, seria melhor que eu o apague. Mas apagando-o te transformo em letra que porta o selo do que foi provado desta vez, desta única vez. *En-carnando-a*, é assim que Lacan traduz a *Einverleibung* de Freud; ficou marcada para sempre por esse traço de pura diferença, de puro não-sentido. Que mão segurou o pincel que traçou a primeira marca em meu pergaminho? Quem pode dizer exatamente onde começa o traço e onde ele termina? Ninguém, pois é impossível dizer. E é justamente por isso, porque é impossível dizer, que os humanos fomentaram aquilo que porta o nome de Deus. É desse aí que o recalamento originário testemunha e que, a partir desse buraco sem fundo contudo fechado, lacrado, vai atrair a ele os recalamentos secundários.

É a isso, a esse significante primordial que o sujeito que em mim se aloja vai se identificar; ou seja, vai *se fazer* portador do traço unário. Mas essa identificação aí, é uma identificação, por assim dizer a nada, nada além de servir de isca à cadeia significante que fará a coluna vertebral do ser falante no qual terei, por essa via, me tornado e para dar uma estrutura gramatical às pulsões que me agitam, para enodá-las mal ou bem.¹⁵ Esse entalhe é a primeira das pegadas da humanidade da qual me faço portador colocando-me "no dedo o anel com a marca desta vez aí".¹⁶ Colocar esse anel no meu dedo, quer dizer sim; é consentir entrar no jogo da linguagem, do discurso no qual nasci, não sem o Outro, mas também é consentir ter nascido dessa mãe e desse pai aí.

E bem sabemos que esse consentimento não vai por si só. Frequentemente ele é apenas muito parcialmente tolerado, o mito individual do neurótico como a prova, tanto quanto as tentativas no princípio evocadas

de se de-marcas.¹⁷ Bem sabemos que é preciso às vezes uma longa análise para chegar a esse ponto e subjetivá-lo. É, aliás, a aposta do passe, pois se trata em definitivo da castração.

O que é que se passa uma vez que coloquei esse famoso anel em meu dedo de sujeito? Eis que embarcamos, meu sujeito e eu numa curiosa aventura, em particular essa da repetição infernal. Como tenho em meus pulmões este ar estrangeiro e frio, que me fez gritar no momento do meu nascimento, apaguei meu rastro de sujeito, risquei o a Coisa da primeira carta do meu jogo, da primeira carta do meu eu¹⁸, vou ter que me pôr a contar.

E contar começa bem cedo, mas não sem um erro em minha conta; é como -1 que vou me constituir como sujeito. Todo mundo conhece a história dos três irmãos, não é mesmo,¹⁹ mas a vida cotidiana pulula de exemplos em que se percebe que a gente se conta como -1, sem falar da aversão de alguns pelo cálculo. Com efeito, para esses alguns aí, $2 + 2$ não farão jamais quatro já que faltará sempre um. Sem falar de nossa prática quotidiana quando escutamos essa queixa repetidamente: "sempre me senti sobrando" ou "sempre me senti excluído". Lacan evoca a experiência vivida em condições extremas que Sir Shackleton descreve na *Odisséia da Resistência* e deduz: "Vocês tocam aí a aparição em estado nu do sujeito que não é senão isto, a possibilidade de um significante à mais, de um mais, graças ao qual constata por si mesmo que houve ali uma falta²⁰."

Esse erro de conta, este primeiro passo, essa riscada da Coisa, é isso que Lacan chama de privação real.

Para que isto seja real, a saber que esta verdade simbólica, pois que contém o cômputo, a contagem, seja fundada, se introduza no mundo, é preciso e suficiente que qualquer coisa tenha aparecido no real que é o traço unário. Compreende-se que diante deste *um* que é o que dá toda sua realidade ao ideal – o ideal é tudo o que há de real no simbólico, e isto basta – compreende-se que nas origens do pensamento, como se diz, no tempo de Platão, e em Platão para não ir muito longe, isto aí conduziu à adoração, à prostração: o Um era o bem, o belo, o verdadeiro, o ser supremo. [...] o que apesar de tudo não impede que este *um* nada mais seja que um estúpido pauzinho.²¹

Então, esse estúpido pauzinho me faz perder a Coisa, me barra o acesso à Coisa para sempre e me instaura numa falta fundamental. Em compensação, ela me traz um Ideal, em direção ao qual vou encaminhar daqui para frente todas as minhas histórias de desejo.

Mas essa perda tem um resto, da Coisa resta uma letra: o pequeno *a*. Aliás, Lacan vai escrevê-la mais tarde a *acoisa*. Eu poderia imaginar que,

com essa pequena letra, cai a *acoisa*, e eu poderia remeter a ela um pouco dessa privação primeira, e encontrar aí algum conforto. Infelizmente minhas penas não terminam aí, e por muitas razões. Primeiro, porque o objeto que desejo ter, é preciso que eu o demande ao Outro já que suponha que ele o detém, pois eu o empresto a esse Outro. Aquela que encarna esse Outro, nos frágeis princípios de minha vida me fez crer nisso, já que em suas idas e vindas, no final das contas, esse seio, ela me empresta para minha sobrevivência e para minha satisfação. Te empresto, me emprestas, mas então, de quem é mesmo, ao certo aquele seio ali? Vacilação em que se esboça a rivalidade.²²

E depois cada volta que minha demanda dá só me faz repassar pelo estúpido pauzinho que justamente me faz perder a Coisa. Lacan se serve do toro para se dar conta disso que se passa na demanda. De certa forma, quando na demanda tento segurar o objeto, só seguro o vazio, o que está no interior do toro. "Esta dimensão de perda, essencial à metonímia, perda da coisa no objeto, aí está o verdadeiro sentido desta temática do objeto enquanto perdido e nunca o mesmo encontrado, que faz fundo ao discurso freudiano e se repete sem cessar".²³ E nessa demanda eis-me de novo S barrado, sujeito se esvanecendo.²⁴

Além do mais, sob o seio, esse primeiro objeto, se esconde, se desenha o falo, pois "o que se demanda à mãe, é isso que ela não tem: o falo".²⁵ Mas no fundo diz Lacan, poder-se-ia colocar em seu lugar qualquer coisa, uma bolinha de pingue-pongue, quer dizer nada, qualquer suporte do jogo de alternância do sujeito no *fort-da*.²⁶ Trata-se não simplesmente da presença ou da ausência do pequeno *a* mas da conjunção dos dois: do corte. É da disjunção do (*a*) e do (*-a*) que se trata, e é aí que o sujeito vem se alojar como tal, aí tem que se fazer a identificação com essa qualquer coisa que é o objeto do desejo".²⁷ Assim, o sujeito que se aloja em mim tem por alojamento não mais que um corte e é com uma bolinha, por assim dizer, que ele vai se identificar.

Então, vá dizer isso, por exemplo, a um tabelião de registro civil, do qual você quer obter um papel oficial e que lhe pede para provar ali, diante dele, que você é mesmo você! Vá dizer a ele que seu nome não passa da cobertura de uma disjunção, a cobertura de um vazio! É! Você não está prestes a obter esse papel. E, se por uma coisinha ou outra na história de seus antecedentes, houver uma pequena diferença ortográfica entre seu nome e no de seus pais, uma letrinha, um pauzinho, mais ou menos, você vai sentir a fragilidade, o quase-nada ao qual você está apegado como sujeito humano. Essa é uma experiência bem concreta. A história de ontem e de hoje, nossa prática de todo dia, também nos mostram suficientemente que os pauzinhos da identificação constituem

realmente uma questão de vida ou de morte. Ter um dia comido a letra não garante nada; mesmo assim, esse ato aí, é melhor tê-lo feito.

"Pequeno a, é o ser enquanto ele é essencialmente faltante ao texto do mundo".²⁸ É por isso que desse vazio, desse oco, inscrito por um pauzinho de identificação, pode às vezes surgir uma voz, aquela por exemplo de Sarastro ou a do coro, desenhada por Mozart em *A flauta mágica*, e fazer ressoar os nomes de Ísis e de Osíris.

Notas

¹ Havia também uma tradução imperfeita em francês embaixo do cartaz: "Sou como sou".

² As datas indicadas nas notas sem outra indicação se referem a este seminário.

³ 6 de dezembro de 1961. Recomenda-se a leitura desta passagem: Lacan diz que se endereça a si mesmo por seu nome secreto ou público - Jacques Lacan.

⁴ 29 de novembro de 1961.

⁵ 7 de março de 1962.

⁶ 22 de novembro de 1961.

⁷ 6 de dezembro de 1961

⁸ Em francês: "traces de pas à pas de traces puis à pas de sens", literalmente: marcas de passos a nada de marcas e depois ao não-sentido (N.T.). 24 de janeiro de 1962.

⁹ 15 de novembro de 1961.

¹⁰ 24 de janeiro de 1962.

¹¹ Em francês *effaçons* é a fórmula que Lacan utiliza; jogo de palavras que permite evocar: *effacer* (apagar), *façon* (modo, jeito), *effaçons* (apaguemos) (N.T.). 6 de dezembro de 1961.

¹² Selo, carimbo oficial, lacre, estampilha, marca. Em francês: *sceau*, que deve ser considerado aqui em sua relação com a letra. O selo do senhor (o rei ou seu ministro) que autenticava ou fechava a correspondência de maneira inviolável apoiando contra o lacre quente (uma espécie de cera de chumbo) a letra, a inicial, (as iniciais entrelaçadas às vezes ou ainda as armas da coroa) gravada em baixo relevo em seu anel (N.T.).

¹³ 27 de junho de 1962.

¹⁴ Lembrar que o termo em francês é *effaçons* (N.T.).

¹⁵ Lembramos que *se faire...* é a expressão do terceiro tempo da pulsão.

¹⁶ 10 de janeiro de 1962.

¹⁷ 2 de maio de 1962. "Seu próprio desejo (de criança) teria antes de tudo à constituição enquanto resposta, enquanto aceitação ou recusa de ocupar o lugar que o inconsciente do Outro lhe designa." Vamos notar que o Outro, aqui, é encarnado pela mãe, que tem então um inconsciente!

¹⁸ Aqui a autora faz uma piscadela ao leitor francês marcando no lugar de carta do meu jogo: "carte de mon je(u)". Onde "je=eu" e "jeu=jogo", meu eu e também meu jogo. (N.T.).

¹⁹ A história dos três irmãos: "- Somos quatro irmãos", diz o Fred, "o Paulo o Antônio e o Carlos". (N.T.).

²⁰ 28 de maio de 1962. Ver Sir Shackleton en L'Odyssee de la "Endurance", Ed. Phébus, 1988, p. 218: "Durante esta longa e torturante caminhada de trinta e seis horas entre as montanhas e as geleiras desconhecidas, me parecia freqüentemente que éramos quatro, e não três. Não dizia nada a meus companheiros; mas mais tarde Worsley me disse: "- Patrão, durante a caminhada, tive a impressão estranha que uma outra pessoa nos acompanhava. Crean confessa ter tido a mesma idéia."

²¹ 14 de março de 1962

²² Nesta curta exposição só falei da privação primeira. Vê-se que aí poderia ser desenvolvida a questão da frustração da qual Lacan fala em seu seminário. Quanto à castração, que é o terceiro termo, é sobre ela que se fecha o percurso: consentir na privação primeira.

²³ 14 de março de 1962

²⁴ 24 de janeiro de 1962

²⁵ 27 de junho de 1962.

²⁶ 24 de janeiro de 1962.

²⁷ 24 de janeiro de 1962.

²⁸ 27 de junho de 1962.